



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 9, número 2, maio-ago. 2020

TRÂNSITOS GEOGRÁFICOS NO ENTREMEIO DE TEMPOS SOMBRIOS E DE DESAMPARO: *CONTOS DO IMIGRANTE*, DE SAMUEL RAWET



GEOGRAPHIC TRANSITS IN THE MIDDLE OF BLEAK AND HELPLESS TIMES: *CONTOS DO IMIGRANTE*, BY SAMUEL RAWET

Carlos Augusto MAGALHÃES
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Bruna de Jesus SILVA
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Nathalia Louise Borges SILVA
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 27/02/2020 • APROVADO EM 14/05/2020

Resumo

A modernidade e a contemporaneidade, entre outros aspectos, também se caracterizam por possibilitar numerosos e constantes deslocamentos populacionais. Esses movimentos contemplam desde viagens turísticas até transladações migratórias em que se objetivam conquistas de melhores condições de vida fora da terra de origem, de berço. Tudo seria regido por gestos e intuitos tidos hoje como comuns e sem surpresa e de natureza coletiva e uniforme. Na antologia *Contos do imigrante*, de Samuel Rawet (1998), para além das demandas pragmáticas do deslocado, sua não convivência com o tempo-espço de origem gera desestabilizações emocionais. Os contos apontam para a singularidade existencial das subjetividades em crise, diante dos estágios sombrios e agudos de desamparo. Há, igualmente, saudáveis interações com o Outro por meio das quais se engendraria “uma modalidade específica de organização subjetiva, um molde para as experiências individuais”. (MEZAN, 2002, p. 258). O artigo busca observar as representações não só de aspectos interligados com os infortúnios do imigrante polonês no Brasil, mas também intenta refletir sobre os meandros das subjetividades e das trocas culturais que tanto enriquecem os sinuosos trânsitos geográficos modernos e contemporâneos. O texto pretende realçar a originalidade com que os contos se apresentam bem como os recursos imagísticos por meios dos quais o escritor desenvolve a narrativa e mergulha nos personagens.

Abstract

Modernity and contemporaneity also characterize themselves, among other aspects, by enabling numerous and constant populational displacement. These movements go from touristic trips to migration, in which people look for better living conditions outside their hometown, their crib. All of that directed by gestures and objectivities currently known as ordinary and unsurprising, and from a collective and uniform nature. In the anthology *Contos do imigrante*, by Samuel Rawet (1988), in addition to the pragmatic demands of the displaced, their non-living with the original time-space generates emotional instability. The short stories point to the existential singularities of the subjectivities in crises before the bleak and acute stages of helplessness. There are healthy interactions with the Other through which it engenders “a specific modality of subjective organization, a mould for individual experiences” (MEZAN, 2002, P. 258). The article seeks to observe the representations intertwined not only in the unfortunate aspects of the Polish migrant in Brazil, but also intends to reflect on the intricacies of the subjectivities and cultural exchanges which enrich the sinuous geographic, modern and contemporary transits. The text aims to highlight the originality present in the short stories as well as the imagistic resources through which the writer develops the narrative and dives into the characters.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Judeu. Migrantes. Trânsitos geográficos. Subjetividade. Singularidade. Metáfora.

KEYWORDS: Jew. Migrants. Geographic Transits. Subjectivity. Singularity. Metaphor.

CONDIÇÃO DE PÁRIA, DIFERENÇA, MODERNIDADE

A dificuldade de convívio com as diferenças estaria na base dos preconceitos, exclusões, estigmas, discriminações, atitudes e comportamentos plenos de restrições dos quais, desde sempre, costumam resultar variados malefícios às relações humanas. Ao longo da história, focando-se, por exemplo, a Antiguidade Clássica, observa-se que os romanos consideravam bárbaros todos os que não fossem eles próprios. A cristandade normalmente chamava pagãos aqueles que não compartilhavam de seu universo de crenças, preceitos, símbolos. No Novo Mundo, os europeus rotulavam como primitivos e, em situações extremas, chegavam a qualificar como inumanos os nativos das regiões recém-conquistadas. Estabelece-se, desde logo, uma sólida polarização, como costumeiramente se diz hoje, um “Nós” e um “Eles”, clara imagem de sistemática oposição. Elege-se um binômio que restringe e dificulta as possibilidades de plenitude da diversidade humana, o “espetáculo das diferenças”, metáfora a que faz menção Lília Schwarcz (1996, p. 148).

É como se fosse estabelecido um distanciamento que envolve o indivíduo objeto de preconceitos e o restante da humanidade, pois a diferença limita as oportunidades de convivência pacífica e respeitosa com que se envolvem o inserido na esfera da normatividade e o Outro excluído, não contemplado. Eleni Varikas (2014), em densas considerações sobre as discriminações em geral, tematiza certos paradigmas e a nocividade que delas decorrem.

Mobiliza-se a temática do exílio interior de uma humanidade “deslocada”, fora de lugar, num mundo que confunde a unidade do gênero humano com sua identidade. Se ela se ergue contra a injustiça social, sua força como *locus romanticus* consiste menos na análise precisa desta ou daquela relação social do que na exploração do dano que uma tal injustiça causa a um indivíduo concreto. (VARIKAS, 2014, p. 40). (Destaques da autora).

Desenham-se, assim, sistemas de escravidão, domínio, sujeição que costumam se articular com exclusões de natureza política. Por trás dessas formas diretas de regulamentações da serventia, esboçam-se prejuízos dotados de feição subjetiva e intersubjetiva (noções a serem discutidas adiante) e ligados aos modos como a sociedade enxerga e lê o indivíduo na condição de não integrado ao sistema. Essas percepções, em não raras oportunidades, se corporificam e se manifestam por meio de reações disfarçadas, travestidas de roupagens nebulosas e indefinidas, que repercutem, profundamente, na subjetividade agredida.

Bernard Lazare (2006) ilustraria esse universo de dissimulações, levando em conta aspectos da trajetória do judeu, especialmente, em meados do século XX. O teórico-crítico descreve situações relativas ao apogeu nazista e aos momentos

posteriores a seu declínio, por assim dizer, mas não abre mão de observar que, após a derrocada daquele movimento também de natureza antissemita, outros grilhões se instalam e continuam interditando ações, comportamentos, práticas simbólicas do judeu pelo mundo afora.

Não se chegou e, sem dúvida, não se chegará, na França, na Áustria e na Alemanha, a definir bairros separados, nem confinar os judeus em um território especial, como na Rússia; mas graças a ele, um gueto moral quase foi reconstruído. Não se enclausuram mais os israelitas no Ocidente; não se estendem mais correntes nas extremidades das ruas onde moram. Mas, em torno deles, cria-se uma atmosfera de desconfiança, de ódios latentes, de preconceitos inconfessos – e, portanto, mais poderosos –, um gueto muito mais terrível do que aquele de onde se poderia escapar por rebelião ou por exílio. Mesmo quando essa animosidade é dissimulada, o judeu inteligente a percebe e, doravante, sente uma resistência, tem a impressão de que um muro se ergue entre ele e o ambiente em que vive. (LAZARE, 2006, p.119-120).¹

Assim, objetivamente, a figura do discriminado é remetida a uma condição social que o encaixa em molduras de exclusão, repúdio, desprezo. Desenham-se sentidos de subserviência e de escravidão. Por trás da objetividade, instauram-se *nuances*, como as ilustradas por Lazare, as quais danificam a subjetividade, que se vê abalada em seus campos psicológico, moral, existencial. Buscando analisar de modo mais direto os preconceitos sofridos pelo judeu, Freddy Raphaël (1986) observa que os processos de rejeição se sustentam também em códigos, leis, princípios e, principalmente, “barreiras rituais” (1986, p. 66). Raphaël refere-se a “interditos rituais”, ou seja, restrições em termos da não participação de formalidades e de cerimônias identificadas com o universo cultural de outros povos. Nesse sentido, o crítico destaca a impossibilidade do “connubium e da comensalidade.”² (1986, p. 66). Assim, o judeu não poderia viver o rito do casamento com aquele Outro como também estaria impedido de compartilhar de certas solenidades levadas a efeito nas refeições comemorativas. Ilustra-se a condição do judeu como povo apenas tolerado, mas que carrega os estigmas que o acompanham por onde for.

O judeu se apresenta como um ser errante que se espalha por todo o mundo e que, em muitas situações, conquista posições de êxito. Permitem-lhe que se instale, sim, porém as relações são regidas por muitas desconfianças e ressalvas. Reforça-se: há permissão no sentido de que esse forasteiro, por assim dizer, possa se agregar, mas, antes de tudo, as interações do cidadão fixado no próprio tempo-espaço não ignoram as marcas inapagáveis que esse Outro carrega em si.

Muitas recriações artísticas costumam abordar esses danos e as “barreiras invisíveis” (VARIKAS, 2014, p. 76), (discussão adiante), atrelando-os a obstáculos relativos à raça, posição social, condição econômica, de gênero e, também, a desdobramentos identificados com interdições e embaraços variados. Destacam-se

aqui os discriminados referidos também por meio da metáfora dos “párias modernos”, entre os quais ganham espaço os imigrantes, principalmente, a partir do século XX. Na obra literária em estudo, ao lado das representações das desventuras do imigrante, no caso, o polonês que chega ao Brasil antes e no auge da Segunda Guerra Mundial, há recriações do enriquecimento existencial desse deslocado que aporta no Rio de Janeiro, Distrito Federal. Ali ele se adapta, satisfatoriamente, ao universo cultural da cidade e do país, inclusive, em termos do domínio da língua portuguesa.

A modernidade instaura uma importante contradição liderada por determinado olhar sobre os estigmatizados, principalmente, diante daqueles que povoam os séculos XIX e XX. As modernas revoluções europeias, lembremos as emblemáticas expressões “*Liberté, Egalité, Fraternité*”, vicejam e elegem princípios de que resultariam ansiadas conquistas de direitos individuais. Vale dizer que se concretizariam as promessas identificadas com o princípio segundo o qual o simples pertencimento ao gênero humano, por si só, seria suficiente para garantir e assegurar igual direito de vida digna e feliz a todos. É como se fosse alimentada a ideia de que o indivíduo como valor redefiniria o social. Em outra direção, e aí reside a incoerência, tudo continua a ser regido por instrumentalizações hierárquicas a que estariam sujeitos os “párias modernos”, senhores agora de supostas liberdades individuais, mas, atenção, eles não estariam desobrigados de certas condições impositivas; permanecem à mercê de normas censuradoras, castradoras que continuam direcionando suas vidas e incidindo sobre elas.

Assim, essa nova categoria humana se assenta no entrecruzamento de determinadas dinâmicas sociais, o que vale dizer, desenha-se um movimento de relações sociais de naturezas distintas, as quais explicam o caráter variado dos párias modernos (os negros, as mulheres, os homossexuais, os estrangeiros, os muçulmanos, os aborígenes, os refugiados, os religiosos de matriz africana, os indivíduos detidos em fronteiras, na iminência de deportação, os colonizados, os desempregados, os moradores de rua, os idosos, os doentes mentais, entre outros). Aquelas dinâmicas sociais suportariam, por assim dizer, a diversidade desses discriminados, sem deixar, no entanto, de submetê-la aos ditames de um movimento autoritário de feição propriamente política. Movimento que aceita essas relações sociais diferentes desde que, acima tudo, continue reinando uma mesma lógica de legitimação da dominação (VARIKAS, 2014). A multiplicidade dos párias modernos e contemporâneos não neutraliza, dessa forma, o caráter normativo que faz com que todos estejam submissos a padrões irretocáveis, verdadeiros privilégios de que se valem grupos hegemônicos.

Realçam-se, entre os estigmatizados históricos aqueles cujas experiências são tomadas como ideais para a caracterização das submissões aqui explanadas – o judeu e o cigano. Atenta a essas estreitezas e restrições, mais uma vez é Eleni Varikas (2014, p. 71) quem faz observações fundamentais no sentido de que é preciso “explorar as percepções do social, as estruturas de sensibilidade que essa figura fez emergir e as formas de subjetivação que permitiram que se expressassem, emprestando-lhes seu nome, suas histórias, seus dispositivos léxicos e icônicos”.

Fala-se aqui em “párias modernos” e, logicamente, há que se estabelecer relação com a modernidade, enfatizando os aspectos libertadores defendidos por esse movimento, em especial, no Ocidente. Pense-se a modernidade a partir da perspectiva de “uma das poucas, pouquíssimas, revoluções histórico-culturais” (SOUZA, 1999, p. 79). O homem, o mundo, a vida, a condição humana, enfim, tudo passa a ser visto sob a condução de princípios emancipatórios, levando-se em conta os valores anteriores das pequenas e controladoras comunidades medievais. Constatam-se transformações diversas, que se estendem desde as inovações com que passam a se apresentar os campos econômico, político, social, por um lado, até as radicais desestabilizações a que se tornam expostos valores, ideias, representações simbólicas, entre outros aspectos. Lógico que o crescimento e a estruturação das cidades e da vida urbana, com seus códigos, valores, hábitos, éticas, condicionamentos, farão com que práticas não tão saudáveis também se instalem no mundo moderno.

A modernidade limitaria, desse modo, a uniformidade que desencadeava o solapamento e o bloqueio da singularidade existencial. Mas é preciso observar-se que a subjetividade do indivíduo não se mantém por si só; princípios, correlações, valores, simbolizações, crenças, contextualizações, enfim, a pluralidade com que se apresenta também o mundo exterior se torna indispensável na composição e conformação da categoria dessa subjetividade. Para essa tarefa, entram em cena a cultura e o processo de simbolização, noções sem as quais a subjetividade e a construção identitária talvez não conseguissem se edificar.

Renato Mezan (2002) afirma que a ideia de subjetividade pode ser entendida a partir de duas esferas: como “experiência de si” e “como condensação de uma série de determinações”. O primeiro pilar diz respeito a inquirições que o sujeito faz, tomando a si próprio como foco e origem da investigação. Com relação à segunda esfera, Mezan faz referência ao que se costuma caracterizar como influência da sociedade, aspecto que, inquestionavelmente, também atua na estruturação da identidade do indivíduo, integrando, inclusive, seu mundo simbólico. “Engendra-se uma modalidade específica de organização subjetiva, um molde para as experiências individuais” (MEZAN, 2002, p. 258). Em relação a esse segundo campo, assim se apresentam os oportunos argumentos e reflexões do psicanalista:

Isto significa que nos interessamos pelos fatores que, combinados, engendram uma modalidade específica de organização subjetiva, um molde para as experiências individuais. Esses fatores são por natureza extra-individuais, o que quer dizer que a subjetividade é resultado de processos que começam antes dela e vão além dela, processos que podem ser biológicos, psíquicos, sociais, culturais, etc. Por isso, pode-se concebê-la como condensação ou sedimentação, num dado indivíduo, de determinações que se situam *aquém* ou *além* da experiência de si, e que de algum modo a conformam, ou pelo menos lhe designam certos limites e condições. (MEZAN, 2002, p. 258) (Grifos do autor).

Não se pode deixar de considerar e louvar a riqueza dos argumentos expostos acima. Sem dúvida, os movimentos da subjetividade percorrem também um caminho que vai do mundo para o eu individual, atuando, contribuindo, influenciando na constituição do universo do sujeito. Ilustra-se essa condição, inclusive, a partir da trajetória do autor da obra. Esse contista, também judeu polonês como a quase totalidade dos personagens das narrativas, chega ao Rio de Janeiro juntamente com a família, fugidos do nazismo e da pobreza, nos anos iniciais da década de 30 do século passado. O garoto instala-se no subúrbio carioca, zona da Leopoldina, em cujas ruas ele afirma ter aprendido muito, em especial, o português falado que tanto o enriquece. Forma-se em Engenharia Civil, atua na construção de Brasília e publica o referido livro, diga-se de passagem, em língua portuguesa, em 1956, aos 27 anos de idade. Rawet empreende um percurso pleno de ricas experiências.

Valendo-nos dos argumentos de Mezan, poderíamos comentar os caminhos percorridos pela subjetividade daquele imigrante. Ele teria vivido “experiências” de “condensação de uma série de determinações, ou seja, modalidades específicas de organização subjetiva, um molde para suas experiências individuais” (MEZAN, 2002, p. 258; 259). Rawet, em seu movimento de saída da terra de origem e de adaptação ao país que o acolhe, coloca-se a meio caminho entre duas referências fundamentais no desenho de sua trajetória existencial. Trajeto, em cujos entremeios, como se vê, se mesclam e se corporificam as intrincadas questões da identidade cultural e os não menos emaranhados atalhos da subjetividade.

O desamparo do sujeito é estampado como prova irrefutável do dano que a sociedade inflige a seus semelhantes. A maioria dos contos apresenta personagens em trânsito, imersos na condição, precípua e determinante, de integrantes de comunidades desterradas, que carregam a nódoa da qual também brotam as barreiras e as interdições. Os modos com que são tratados podem levar não só o judeu, mas o imigrante em geral, a um sentimento de desestruturação dos elementos garantidores da segurança disponibilizada pela identidade e pelas relações tempo-espaciais – o lugar-momento de origem. Magalhães (2018, p. 105) observa que

[...] a mudança espacial – o afastamento físico do território – se alinha com o decurso do tempo, percepção que se esboça a partir da plena incorporação das vivências na terra da qual há o distanciamento agora. Reforça-se que as experiências sedimentadas imprimem o sentimento do transcurso do tempo vivido no chão materno. Imbricam-se, assim, tempo e espaço, categorias com cujas efetivas experiências se constroem o sentido de trajetória existencial do sujeito, de gerações e do percurso de um país na história.

Focalizando-se a imagem metafórica das “barreiras invisíveis”, é possível constatar, na própria estruturação semântica, a riqueza expressional que aquela noção carrega em seu bojo. O jogo verbal de que ela se constitui elabora uma

reescrita da realidade, tudo se configurando a partir não só do afastamento do sentido inicial e direto dos sintagmas. Jacques Derrida (1991, p. 273) observa que “existe metáfora na medida em que o pensamento não é manifesto por si próprio, na medida em que o sentido do que é dito ou pensado não é o próprio fenômeno”. A metáfora aqui trazida ilustraria as “barreiras invisíveis”, ou seja, as sutilezas que se conectam com ambiguidades, disfarces, sentidos mais sugeridos que explicitados, tudo se valendo de um jogo sorrateiro de intrometimento verbal, que atua nos intercâmbios travados, no caso, entre discriminador e discriminado. Não por acaso, é ainda Derrida (1991, p. 273) quem salienta:

[...] há metáfora apenas na medida em que alguém é suposto manifestar por uma enunciação pensamento que em si permanece inaparente, escondido ou latente. O pensamento cai sobre a metáfora, ou a metáfora chega ao pensamento no momento em que o sentido tenta sair de si para se dizer, enunciar, transportar-se à luz da língua. E, todavia, – é esse o nosso problema – a teoria da metáfora permanece uma teoria do *sentido* e postula uma *naturalidade* originária desta figura. Como isso é possível? (Grifos do autor).

Amparando-se nas reflexões de Derrida, podemos encadear um questionamento: como aceitar a frase segundo a qual a metáfora nada mais é que um simples ornamento?! Não se pode perder de vista que sentidos filosóficos e antropológicos se imbricam na elaboração dos pensamentos que se mesclam e dão ensejo ao campo significativo da metáfora. Na verdade, tanto Derrida como Paul Ricoeur comentam as relações da metáfora com aspectos filosóficos. Os argumentos de Derrida, sem dúvida, explicitam a riqueza desse discurso não apenas verbal. Também Paul Ricoeur (2000, p. 40) faz observações oportunas: “a metáfora não desfaz totalmente uma ordem para fazer com que outra se instale. [Ela] gera apenas uma nova ordem, produzindo desvios em uma ordem anterior”.

Na designação *Contos do imigrante*, a princípio, não se espraia um jogo metafórico. Objetivamente, o título esclarece, desde já, o gênero literário e a temática com que se apresentam os textos mais significativos. No entanto, as narrativas não conseguiriam qualificar e, talvez, até nomear as ricas relações antropológicas e existenciais, sem a ajuda das matizações verbais que brotam das convincentes junções de palavras carregadas de sentimento, emoção, sensibilidade. Talvez o jogo sutil de imagens, valendo-se do conluio verbal que ali ganha espaço, além da originalidade de certas estruturas sintáticas consigam fazer transparecer, de modo bem mais expressivo, os aspectos nuançados e sombrios que se imiscuem no entremeio das retratações das trocas humanas. É Paul Ricoeur (2000, p. 31) quem explicita: “recorre-se a metáforas para preencher um vazio semântico. A palavra emprestada toma o lugar da palavra própria ausente se esta existe”.

Então, utilizando-nos dos jogos verbais e metafóricos e das preciosas reflexões crítico-teóricas aqui transcritas e comentadas, podemos observar as

delicadas percepções do social, as estruturas de sensibilidade e as inusitadas formas de subjetivação tão impregnadas nos personagens “em trânsito” em análise. São personagens, muitas vezes, flagrados, olhados a partir do realce de suas diferenças sociais em detrimento das diferenças antropológicas que tanto os personalizam. A singularidade, o individualismo, o jeito de ser de cada um tornam-se esmaecidos e enfraquecidos ante as potencialidades que emanariam de “suas” diferenças política e social, condição suficiente o bastante para legitimar sua exclusão do mundo dos direitos.

Por fim, convém afirmar que, ante a complexidade com que as diferenças se apresentam, é preciso cuidado para não se recorrer a extremismos radicais. Os fundamentalismos se articulariam com aspectos centralizados e essencializados de identidades e paradigmas que se estruturam e buscam se impor a partir da priorização de uniformidades refratárias e impermeáveis.

NARRATIVA, SUBJETIVIDADE, SINGULARIDADE

Os trânsitos geográficos e as experiências migratórias nessa obra, entre tantas possibilidades, podem ser analisados também a partir dos processos de bruscos rompimentos de liames que estruturam o sujeito, vínculos tais de natureza simbólica, afetiva, espiritual, linguística, entre outros. Em especial, detemo-nos aqui na linguagem, nas questões linguísticas e nos modos como o gênero conto é construído por esse escritor. As feições com que esses elementos se apresentam nas representações qualificam, poderíamos até dizer, singularizam a narrativa de Samuel Rawet. Há riquezas expressivas que, algumas vezes, provêm dos sentidos mais sugeridos que explicitados de certas construções verbais, os quais desencadeiam surpresas e perplexidades no leitor. Esse é apenas um jeito, entre outros, que faz com que a narrativa de Rawet passe a integrar o elenco das criações literárias que imprimem importantes inovações ao conto brasileiro, melhor dizendo, dão o inquestionável tom de originalidade à produção desse escritor. A proposta estética inusitada é destacada por vários críticos, entre os quais Assis Brasil (1975, p. 67) que afirma:

[...] a linguagem deixava de ser apenas veículo para formalização de ideias ou “condução” de enredos, e passava a ser “personagem”, passava a ser parte globalizante da criação. Ou melhor, o artista passava a criar através da linguagem – os recursos linguísticos não mais estavam somente a serviço de um estilo, de um certo modo de escrever bem, e sim em função do mundo a ser criado como expressão.

Assim, trata-se de arejamentos identificados não tanto com o enredo, componente que não ocupa função preponderante na narrativa de Rawet. Importa, sim, o feito surpreendente do processo narrativo, em termos da presença de recursos que ganham realce nos modos de abordar os contatos interpessoais e os

mergulhos nos volteios das subjetividades. Entram em cena os silêncios, os jogos de aparência, as frases sincopadas, as ideias não clarificadas nos diálogos, nas interpelações, as frases e imagens reticentes...

Madrugadas horríveis e ossadas. [...] Risada canalha. Carteados. Cifras. Olha o “profeta” aí! E caras de gozo gargalhando do capote suspenso na cadeira. Impossível. (“O profeta”, 1998, p. 28).

A janela lembrava-lhe a rua, onde se sentia melhor. Podia falar pouco. Ouvir. Nem provas nem arguições. O apelido. [...] Gringinho burro! (“Gringinho”, 1988, p. 48).

Travessas. Pratos de frutas. [...] Sorriso frio. [...] Os tempos. [...] Nenhum embaraço, também. Apenas um vazio de palavras, um não saber a razão da fala no momento. (“Réquiem para um solitário”, 1988, p. 53).

Fosse tempo de lágrimas e algumas saltariam. [...] O tempo. O tempo. Encaixado entre pisos, acima da rua. E o preto na flauta nunca daria uma solução ao desespero. (“Noturno”, 1988, p. 75).

De palavras, mesmo, nunca precisara. Sol na grama, e o gato lambendo a pata magra, retesando o dorso anelado. (“Noturno”, 1988, p. 76).

Somem-se a aspectos ilustrados nos recortes acima, mais recursos que parecem optar pela omissão e/ou supressão de elementos verbais que se tornariam esclarecedores, bem como pelo caráter original de certas metáforas e de frases nominais com sentidos não integrativos. Haveria também a ilustração de uma insuficiência do signo linguístico, como elemento adequado com que se construiriam efetivas interações. Há uma tendência de mais sugerir do que exatamente elucidar, esclarecer o que ocorre nos entremeios dos relatos e abordagens, o que pode ser observado nos recortes acima colocados. Esses aspectos contribuiriam com o intuito de se esboçar o que permearia os vazios, crises, conflitos, indecisões. Talvez a não explicitação desses mundos possa estar interligada com dificuldades de qualificar, expressar e nomear a própria subjetividade.

Enfim, no texto de Rawet, tudo se agrega no que diz respeito à conformação e à tentativa de nomeação dos recônditos da subjetividade, como também se alia aos modos e jeitos peculiares com que se representam as ricas experiências existenciais que emanam das narrativas. Lógico que todos esses elementos se articulam também com o caráter abrupto com que se interdita a exposição sequenciada dos fatos. Esse corte desestabilizador torna-se verdadeiro incômodo

para o leitor acostumado com a narrativa realista, com suas expressões que se esclarecem por si sós. Trata-se do “romance de estrutura unilinear, cenográfico quanto ao espaço, estático quanto à visão dos personagens, acontecimentos e situações, reprodutivo de cenas interiores ou exteriores, psicológicas ou sociais da vida real” (NUNES, 1983, p. 46). A narrativa realista ostenta um enredo ordenado que pode gerar apenas curiosidade ao leitor, não raras vezes, sendo pertencente a mundos sociais bem distanciados do que ali é representado.

Stefania Chiarelli (2007, p. 105) destaca pontos de vista de Rawet relativos a dificuldades das migrações, em especial, diante da suposição do escritor no que concerne à “impossibilidade de compreensão do outro em sua irreconciliável diferença”, bloqueio e embate, que se manifestariam mais intensamente nos movimentos migratórios. No conto “Réquiem para um solitário”, esses obstáculos e até mesmo a incomunicabilidade com laivos de certo determinismo ganham vulto não exatamente nos entremeios das migrações propriamente ditas, mas no seio, na convivência diária de uma família de imigrantes poloneses judeus bem instalados no Rio de Janeiro.

O protagonista é um próspero comerciante cujo nome próprio não é apresentado na narrativa, aliás, nenhum personagem é identificado por meio do nome próprio, ausências que ilustrariam a não integração que se esboça naquele universo. A omissão dos personativos realçaria a precariedade de afetividade, de comunhão e de compartilhamento, bem como a corrosão das possibilidades de relações dialéticas construtivas. A título de exemplo, ilustram-se aqui as rápidas, frágeis e aparentes interações entre marido e mulher, personagens do conto em foco: “A mulher esfregava o rosto sonolento, passando para a cozinha. [...] – Quer um copo de leite? – Não! – Vão mal os negócios? – Não! Sumiu no quarto atrás da pergunta solta: – Não vai dormir? A mesma de há alguns anos” (RAWET, 1998, p. 56; 60).

Tudo é movido por culpas, remorsos, recalques, vazios existenciais – recônditos sentimentos com que se apresenta a condição melancólica do protagonista. Tudo o submerge num intenso mutismo, que se torna mais dilacerante e constrangedor ante as culpas generalizadas e, mais concretamente, diante dos sentimentos experimentados por conta do abandono dos parentes na Polônia sob a influência do nazismo. Teresa Pinheiro (2012, p. 34) afirma que “na melancolia, algo foi perdido: o que é não se sabe, mas de uma coisa pode-se ter certeza: foi perdida a própria possibilidade de a subjetividade se constituir dialeticamente”. O desprezo, mais sugerido que explicitado por parte do filho, também acirra diretamente as culpas e perplexidades do protagonista.

Ganham relevo imagens da solidão daquela subjetividade da qual decorreriam a tristeza, a precariedade da comunicação com o Outro, o pensamento fixo, a inapetência para o diálogo. Enfim, o protagonista, o próspero comerciante, vivencia a solidão de quem não tem morada, de quem experimenta a desterritorialização da ausência de abrigo em si mesmo –, a mais profunda atopia. Paloma Vidal (2004, p. 45) refere-se “a estágios de degredos que dificultam qualquer escape pelo viés do tempo-espaço utópico”. Enfim, o protagonista frequentaria o não-lugar da singular experiência da migração melancólica, que é empreendida pelo sujeito que faz o inútil e inconcluso trajeto de si para si mesmo.

E a narrativa termina com a bela e convincente metáfora do “canto do réquiem”, expressão que, de modo tão autossuficiente, ilustra o triste canto do protagonista. Trata-se de uma imagem que, sem dúvida, se coaduna com a reflexão de Ricouer (2000), em termos da importância do termo substituto na conformação da plenitude da imagem. Haveria palavra que melhor mergulhasse na riqueza existencial presente no conto e a comunicasse de modo mais original que esse empréstimo metafórico?

Os tempos sombrios e as ideias de “desamparo e do estranho” – expressões colocadas entre aspas, termos recorrentes na obra freudiana – se fazem presentes em toda a antologia. Ocorre que, em determinados contos, essas metáforas, em especial, a imagem freudiana de abandono e de desolação e também a noção de estranheza – vide o modo como o protagonista de “Réquiem para um solitário” se vê, se lê, se coloca na vida – ocupam posições fundamentais. Basta que se volte a atenção para a solidão, o desencanto, o deserto existencial dos protagonistas. Torna-se tocante observar os padecimentos, no caso, dos migrantes, subjetividades órfãs de Deus, carentes e fraquejadas diante da crise, ou melhor, da falência de suas representações ideais. Se não propriamente “ideais”, pelo menos integrantes do sonho de que a instalação em outros locais, mesmo com a consciência dos prováveis padecimentos, ensejaria algum tipo de melhora em suas vidas. Enfim, são possibilidades de leitura a serem perseguidas também nos contos “O profeta”, “Gringinho” e “Noturno”.

Em “O profeta”, verdadeiras esferas de demarcações se instalam também no espaço familiar. O judeu idoso chegado da Polônia, em busca de apoio dos parentes próximos já aclimatados ao Rio de Janeiro, inclusive, em termos de adaptação à cultura e à língua cariocas, viverá o desamparo da exclusão radical justamente entre os “seus”. O velho imigrante, também destituído de nome próprio, vem a ser tratado como se merecedor fosse dos desprezos, das ironias, dos sentidos de impureza e de nojo que, em outros momentos, foram dispensados aos agora opressores – os familiares daquele avô, pai, sogro. Aliás, apenas o neto, a única pessoa que esboça carinho para com aquele ancião é nomeado no conto: Paulo, “Pinkos” como o avô polonês a ele se refere. Mais uma produção literária de Rawet em que uma identidade rejeitada se torna suficiente e mais importante que a supremacia da condição humana. É como se a figura daquele integrante se transformasse no receptáculo de tudo que, anteriormente, teria segregado e estigmatizado aquele grupo familiar.

O conto permite concluir que a diferença também pode se fazer valer ainda que entre componentes-pares, membros de comunidades com longa e sistemática história de discriminação. Aqueles que não detêm determinadas posições hierárquicas costumam ser remetidos a esferas de inferiorização, mesmo em seu universo mais próximo. Vale dizer que tais estágios de exposição de diferenças se apresentam bem mais como emblemas de subalternização do que como instrumentos com que se esboçariam aspectos que facilitariam e melhorariam a compreensão do caráter ímpar de cada sujeito. Tudo caminha para uma convicção, segundo a qual as condições separatistas seriam lideradas por uma sociedade, uma comunidade ou um grupo familiar regidos por padrões que parecem ignorar, ou

melhor, esmagar a riqueza da diversidade em geral e, de modo mais específico, de uma subjetividade mergulhada em sua verdade.

A ausência do nome próprio e a designação de “Profeta”, termo ligado não só a certa estranheza que dele brota, mas também relacionado com o caráter de distanciamento do mundo e da vida comezinha e coisificada que emanaria da imagem de um “profeta”, são sentidos e leituras a que a alcunha remeteria o indivíduo em foco. “Profeta” vem a ser mais uma belíssima metáfora de Rawet. Metáfora que se espraia a partir da figura pálida, magra, de olhar vazio e perdido e, sobretudo, estranha, vestida com uma longa capa negra e que se encontra, ali, no cais do porto do Rio de Janeiro. Aquela palavra, tradutora de seu abandono, empresta também imagens e sentidos com que se tenta qualificar o que se torna difícil de ser verbalizado pelo sujeito acometido e, por outro lado, tão pouco compreendido pelo Outro – a indizível solidão e a inexplicável postura de contemplação da vida, aspectos tão característicos da condição melancólica que emana daquela figura humana.

Ele está de volta à Polônia e seu jeito contemplativo contrasta com o aceno de lenços e o alarido esfuziante oriundos das pessoas que se despedem dos entes queridos que também embarcarão. O polonês está de volta à Pátria, mas sabe que lá também estará isolado. Também lá não será escutado, não será compreendido. É como se ele não mais pertencesse a ninguém nem a lugar algum. Ocorre que ele é alimentado pela saudade e pela nostalgia da terra natal. Stefania Chiarelli (2007, p. 130) observa que esse protagonista bem como o protagonista de “Gringuinho”, conto a ser analisado adiante, “estão condenados à ideia de felicidade que reside no passado, [...] e buscam reatualizar, no presente, rituais que remetem a um tempo em que se julgavam mais felizes e em segurança”. Resta ao ancião, deportado pelo abandono e desrespeito da família, a absorção isoladora e o entregar-se a abstrações nebulosas. Os modos e gestos especiais ganham terreno, ao mesmo tempo que seu olhar perdido se volta para os movimentos dos guindastes e para os volteios desenhados pelas gaivotas em seus voos compartilhados.

Mais um conto da antologia – “Gringuinho”. Mais uma narrativa em que nem o protagonista, nem os familiares são identificados por intermédio de nomes próprios. Mais um conto em que a diferença e o poder, por se verem instalados no próprio tempo-espço, garantiriam ao fixado o direito do massacre a ser perpetrado sobre quem se vê órfão dessas seguranças e prerrogativas. Segundo Eugène Enriquez (1998, p. 37), o Outro pode instaurar “perigos permanentes não apenas para o nosso narcisismo, mas igualmente para nossa simples sobrevivência”, condição que costuma ser superdimensionada quando se trata de instâncias migratórias – Outro, por excelência, ainda mais quando a vítima é um indefeso e isolado pré-adolescente.

Fica patente o quadro de absoluto deslocamento, o estágio de um indivíduo fora de lugar, enfim desenham-se pechas destrutivas e, mais do que isso, condições de anulação de dignidade do sujeito em estágio de suposta inferioridade. Haveria certo caráter de desfazimento da individualização do estrangeiro, que, olhado de modo anônimo e massificado, seria apenas um imigrante. Esboçam-se quadros de anulações, diminuições, rotulações normalmente presentes em expressões como

favelado, pobre, suburbano, nordestino, e tantas e tantas outras noções. A simplificação generalizante isola e qualifica aqueles seres e os nivela a partir de uma uniformidade que inferioriza. Rotulações que ignoram, talvez conscientemente, as diferenças individualizantes de que todos somos constituídos e portadores.

É o que ocorre com o adolescente também imigrante, conhecido e tratado na escola como gringinho, termo, propositadamente, grafado com letra minúscula. Ali, não caberia referir-se a ele por meio do nome próprio personativo. Resta ao adolescente o mutismo. Ante toda aquela situação adversa, o garoto, mais um imerso no próprio deserto existencial, se isola no silêncio de si mesmo e até preferiria essa saída. Julia Kristeva (1994, p. 23-24) anota sobre o estrangeiro: “entre duas línguas, o seu elemento é o silêncio. [...] Quem o escuta? No máximo, toleram você. Aliás, você quer realmente falar? [...] Silêncio que esvazia o espírito e enche o cérebro de abatimento”.

O título da narrativa estampa, desde já, o caráter zombeteiro e destrutivo com que o protagonista é referido. Os diminutivos constituem uma grande riqueza da língua portuguesa, pois sua presença, que pode ser vista, de início, como despretensiosa, costuma realçar aspectos de pequenez, de desfaçatez de significações negativas e até pejorativas, ironias mordazes e agressivas, ambiguidades sutis, mas também carinho, afetividade, compaixão, entre outros sentidos. A palavra gringo costuma ser usada como referência ao estrangeiro, principalmente o europeu e o americano, por causa da cor da pele. Na narrativa, muito mais de que uma referência ligada à raça, o diminutivo traduz e ressalta a ironia e a agressividade presentes no tratamento dispensado àquele imigrante. O caráter não amigável da relação ocorre não só por ser ele imigrante, mas também por certa estranheza e silêncio com que ele se apresenta, talvez por conta de sua profunda nostalgia – a saudade do avô e dos amigos que ficaram no tempo-espço da Polônia natal. No caso do protagonista do conto “Gringinho”, a nostalgia o induz a calar-se. Além de não dispor de repertório linguístico para expressar-se, ele não encontraria ecos identificados com a escuta solidária entre os colegas do colégio e até da professora e, talvez, nem mesmo no seio da família. Suas palavras se tornariam vazias. Mais uma vez, recorro às reflexões de Kristeva (1994, p. 20):

Não contar para os outros. Ninguém o escuta, a palavra jamais é sua, ou então, quando você tem a coragem de tomá-la, rapidamente ela é apagada frente aos propósitos da comunidade, quase sempre mais volúveis e cheios de desembaraço. A sua palavra não tem passado e não terá poder sobre o futuro do grupo. [...] Somente o escutarão distraidamente, como uma diversão, e o esquecerão rapidamente para poderem tratar de coisas mais sérias.

E o garoto prefere se entregar à solidão e ao silêncio, compartilhados com as lembranças gratificantes do passado na Polônia natal. Ante a inoperância do signo como instrumento básico de comunicação, muito mais no caso daquele

imigrante, esboça-se o precário entrosamento verbal que Kristeva (1994, p. 28) designa de “palavra nula”. O garoto opta, então, por tecer comparações entre os desalentos dos tempos ácidos e sombrios de agora e os sentimentos identificados com as delícias do convívio com o avô e conterrâneos em outro momento, em outro lugar.

Torna-se oportuna a inclusão do conto “Noturno” na coletânea. O tema da migração continua, mas o personagem em situação de trânsito é agora um nordestino brasileiro. Protagonista também acossado pela melancolia não só diante do afastamento inevitável da terra nordestina em busca de melhores oportunidades econômicas na cidade grande, mas, principalmente, por conta da perda e do distanciamento dos familiares. Os filhos faleceram ainda crianças, e ele ficou com a velha esposa de quem inevitavelmente teve de se afastar agora. Ele deixou-a no distante Nordeste em companhia de um gato.

Na cidade grande, a vida resume-se ao trabalho na construção de um edifício. Num dos cômodos do prédio, ele encontra local para passar as noites. Sua vida, em termos de interações práticas e reais, se restringe aos contatos travados no universo daquele prédio que cresce a cada dia. O enredo sucinto desse pequeno conto ilustraria também o apoucamento de perspectivas de melhoras daquelas condições, tudo se aliando com a tenuidade de horizontes e de sonhos que o nordestino esboçaria para si.

A observação do estranho mundo do concreto uniforme e cinzento, que se descortina a partir do parapeito do edifício, ilustraria também a total inadaptação daquele homem desgarrado de seu universo de berço. A não integração na cidade, a não realização de vínculos humanos fora do mundo do trabalho, a inapetência para contatos com aspectos positivos e prazerosos da urbe, enfim, tudo isso contribui para que a própria subjetividade não se extrapole, não se alargue, não se liberte daquele mundo “noturno”. Ao contrário, a não predisposição para a dialética, de que resultaria uma “provável modalidade específica de organização subjetiva” (MEZAN, 2002, p. 258), mergulha-o, cada vez mais, na nostalgia do passado distante e irregatável. E o rompimento definitivo vem com o bilhete que trouxe informações sobre a morte da velha no Nordeste: ele se atira no poço do elevador da obra.

São realmente tocantes os conflitos e sentimentos que se articulam com a duplicidade temporal que se embaralha no fluxo de consciência do nordestino. Há referências aos últimos contatos com a esposa no momento da partida, às experiências das festas do passado (São João), compartilhadas com os amigos, às observações da cidade grande, inclusive, em relação ao modo como os festejos de São João acontecem no universo urbano. Tudo percorre um trajeto de desalentadas comparações com o mundo nordestino. Instaura-se um jogo por meio das atropeladas referências ora ao presente, ora ao passado, lembranças de lugares e momentos retomados no imediatismo do fluxo de consciência:

Em pouco as brasas dos cigarros oscilariam na penumbra. Foguetes estourariam os tímpanos e pés se arrastariam dançando em quintais suburbanos. (“Noturno”, 1998, p. 75).

Outros os homens, outras as mulheres, outros os galhos peçados alinhando meios-fios. Um pandeiro desperta na sombra e agita o trinado da flauta. A corda de um violão rasga os murmúrios, despertando vozes. Em outros pisos marcara compassos com os pés bem ligeiros e os olhos das moças piscavam de espanto. Antigamente. (“Noturno”, 1998, p. 77).

[...] Gemeu impelindo a rede. Pensou em pedir que acendessem a luz. Desistiu. Um foguete estourou sua carga de repetição. Amanhã passaria o dia todo inerte, mas depois! (“Noturno”, 1998, p. 77).

Na maleta de papelão enfiou a roupa, uma imagem de N. S., folhinha de armazém, e abraçando a velha não fez meia-volta. (“Noturno”, 1998, p. 78).

Outro foguete. São João com flauta, pandeiro e violão. Um gole bem que afastava as ideias e, talvez, trouxesse uma lágrima. Nem bebera nem chorara após o bilhete. (“Noturno”, 1998, p. 78).

Nem meia-volta. Um abraço na mulher, a estrada, e uns olhos de esperança na terra vazia. (“Noturno”, 1998, p. 79).

O protagonista sucumbe ao desencanto e aos tempos ásperos e sombrios. Os outros operários da construção preferem entregar-se aos sons dos aparelhos musicais e à sensibilidade que dali emana. Stefania Chiarelli (2007, p. 120) lembra que “a expressão ‘Noturno’ se refere também a um gênero musical”. É com a soma desses instrumentais que aqueles indivíduos igualmente sem voz enfrentam as lidas e os desamparos cotidianos.

BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto, refletimos sobre a diversidade de grupos excluídos, categorias também arquitetadas por processos de hierarquização. Observamos, igualmente, a singularidade do indivíduo que, de algum modo, conquistou qualificações, enfim, encontrou mecanismos de particularizações que, por certo, o distanciam das pechas restritivas tão comuns nas leituras de mundos e indivíduos estigmatizados. Trazendo também imagens, Zygmunt Bauman (2003, p. 282) se vale das metáforas do “visto de saída” e do “bilhete de entrada” para ilustrar os imigrantes, no caso, os judeus, em suas peripécias através dos próprios caminhos e/ou descaminhos. O teórico-crítico afirma que “havia uma contradição irremediável entre as condições a cumprir para obter vistos de saída do gueto e o que importa respeitar para obter os bilhetes de entrada na humanidade universal”.

E ele arremata dizendo: “Os vistos de saída foram uma questão coletiva enquanto os bilhetes de entrada deviam ser obtidos individualmente”.³ Isso vale dizer que a entrada “na humanidade universal” – no mundo comum –, o que permitiria a experimentação da riqueza daquela imensa esfera, constitui desafios a serem enfrentados por cada um que busca recorrer a seus talentos e habilidades. É como se houvesse a reprodução da parábola bíblica: são muitos os chamados e poucos os escolhidos... Tudo que aqui se discutiu evidencia que Samuel Rawet é um “selecionado” e conquistou, com esmero, o bilhete de entrada.

Notas

¹ O judeu Bernard Lazare é um pesquisador do antissemitismo e, além de *Le fumier de Job* (1998), produção a que pertence o fragmento acima, publicou também *L'Antisémitisme: son histoire et ses causes* (1987). A transcrição destacada é de uma edição argentina, por mim traduzida do seguinte trecho: “No ha llegado y no llegará sin duda alguna, en Francia, Austria y Alemania, a reconstruir los barrios separados, ni a encerrar a los judíos en un territorio especial, como en Rusia; pero gracias a él, ya casi se ha reconstruido un ghetto moral. No se encierra a los judíos de Occidente; ya no se tienden cadenas en las extremidades de las calles donde habitan. Pero en torno de ellos se crea una atmósfera de desconfianza, de odios latentes, de prejuicios inauditos – y por esto mucho más poderosos –, un ghetto mucho más terrible que aquel otro de donde se podía escapar mediante la rebelión o el exilio. Incluso cuando esta animosidad se disimula, el judío inteligente la percibe y en adelante siente una resistencia, tiene la impresión de que un muro se levanta entre él y el medio en que vive.”

² Do original: “Interdits rituels, concernant à la fois le connubium et la commensalité”.

³ “Il y avait une contradiction irrémédiable entre les conditions à remplir pour obtenir des visas de sortie du ghetto, et celles qu’il fallait respecter pour acheter les billets d’entrée dans l’humanité universelle. [...] Les visas de sortie étaient une question collective alors que les billets d’entrée devaient être obtenus individuellement”. (BAUMAN, 2003, p. 282).

Referências

BAUMAN, Zygmunt. Visas de sortie et billets d’entrée: les paradoxes de l’assimilation juive. Tradução de Martine Leibovici. *Tumultes: Paria, une Figure de la Modernité*, Paris, Éditions Kimé, n. 1/2, p. 275-317, 2003 [Organização de Martine Leibovici e Eleni Varikas].

BRASIL, Assis. Samuel Rawet. In: _____. *A nova literatura III: o conto*. Rio de Janeiro: Americana; Brasília: INL, 1975. p. 67-72.

CHIARELLI, Stefania. *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. São Paulo: Annablume, 2007.

DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991.

ENRIQUEZ, Eugène. O judeu como figura paradigmática do estrangeiro. Tradução de Eliana Borges Pereira Leite. In: KOLTAL, Caterina (Org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta: FAPESP, 1998. p. 37-60.

KRISTEVA, Júlia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LAZARE, Bernard. *El muladar de Job*. Buenos Aires: [Mario Saban Ed.](#), 2006.

_____. *L'Antisémitisme: son histoire et ses causes*. Paris: Jean-Michel Place, 1987 (Les Cahiers de Gradhiva, 5).

_____. *Le fumier de Job*. Paris: Circé, 1988.

MAGALHÃES, Carlos Augusto. As cicatrizes do gesto: exílio, vida nua e subjetividade na narrativa "After Hours", de Cristina Peri Rossi. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 101-117, 2018.

_____. "Réquiem para um solitário": migrações, exílio de si, melancolia. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 58, p. 1-12, 2019.

MEZAN, Renato. A psicanálise no século: subjetividades contemporâneas. In: _____. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 255-272.

NUNES, Benedito. Reflexões sobre o moderno romance brasileiro. In: PROENÇA FILHO, Domício (Org.). *O livro do seminário. 1ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira*. São Paulo: LR, 1983. p. 43-69.

PINHEIRO, Teresa. O modelo melancólico e os sofrimentos da contemporaneidade. In: VERZTMAN, Julio et al. (Org.). *Sufrimentos narcísicos*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud: UFRJ: Brasília: Capes/Produc. 2012. p. 17-38.

RAPHAËL, Freddy. L'Etranger et le paria dans l'œuvre de Max Weber et de Georg Simmel/ The Stranger and the Pariah in the Works of Max Weber and Georg Simmel. *Archives de Sciences Sociales des Religions*, v. 61, n. 1, p. 63-81, 1986.

RAWET, Samuel. *Contos do imigrante*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

_____. *Contos do imigrante*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/344321297/Samuel-Rawet-Contos-do-Imigrante-pdf>. Acesso em: 24 jan. 2020.

_____. Gringuinho. In: _____. *Contos do imigrante*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998. p. 47-51.

_____. Noturno. In: _____. *Contos do imigrante*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998. p. 63-73.

_____. O profeta. In: _____. *Contos do imigrante*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998. p. 23-30.

_____. Réquiem para um solitário. In: _____. *Contos do imigrante*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988. p. 53-62.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. As teorias raciais, uma construção histórica de finais de século XIX: o contexto brasileiro. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). *Raça e diversidade*. São Paulo: Edusp: Estação Ciência, 1996. p.147-185.

SOUZA, Nelson Mello e. *Modernidade: a estratégia do abismo*. 2.ed. rev. ampl. Campinas: UNICAMP, 1999.

VARIKAS, Eleni. *A escória do mundo: figuras do pária*. Tradução de Nair Fonseca e João Alexandre Peschanski. São Paulo: UNESP, 2014.

VIDAL, Paloma. *A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul*. São Paulo: Annablume, 2004.

Para citar este artigo

MAGALHÃES, Carlos Augusto; SILVA, Bruna de Jesus; SILVA, Nathalia Louise Borges. Trânsitos geográficos no entremeio de tempos sombrios e de desamparo: *Contos do Imigrante*, de Samuel Rawet. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 2, p. 237-255, maio-ago. 2020.

Os autores

Carlos Augusto Magalhães é Professor Pleno do Colegiado de Letras, Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, *Campus I*, Salvador – Bahia. Nesse mesmo Departamento, atua também como Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL). O professor é Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília – UnB (1994). Doutor em Letras pelo Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – ILUFBA (2003). Pós-doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (2012). Publicou *Cena Moderna: a Cidade da Bahia no romance de Jorge Amado* (2011) e *Aspectos da produção cultural baiana*, (2017), este último em parceria com Antonio Carlos Sobrinho e Joabson Lima Figueiredo. Tem artigos publicados em revistas acadêmicas nacionais e internacionais e em *Anais* e livros oriundos de Congressos nacionais e internacionais.

Bruna de Jesus Silva é graduanda em Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, *Campus I*, Salvador – Bahia. Bolsista de Iniciação Científica (FAPESB).

Nathalia Louise Borges Silva é graduanda em Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, *Campus I*, Salvador – Bahia. Bolsista de Iniciação Científica (FAPESB).